ANGELINA JOLIE TEM PEITO SIM.

O que faz uma mulher de 37 aninhos saudável (e linda), portadora de seios maravilhosos, por livre espontânea vontade se submeter a uma cirurgia para retira-los? Resposta em uma palavra: MEDO.

Medo de passar pela mesma Via Crucis que sua mãe passou durante a batalha contra um câncer de mama, medo de deixar seus filhos (e o marido também lindo), enfim, medo de morrer. Agelina Jolie descobriu que herdou de sua mãe uma mutação no gene *BRCA1*, o que faz com que seu risco de desenvolver a doença até os 80 anos seja de quase 90% - se ela não tivesse esta mutação, seu risco seria de 10%.

Mas o que câncer tem a ver com genes? Tudo. O câncer é fundamentalmente uma doença genética – ele se inicia com uma mutação em algum gene que controla a multiplicação celular. Nossas células vivem um constante cabo de guerra entre genes que promovem e genes que inibem sua proliferação. O balanço extremamente delicado entre essas duas forças antagônicas mantém o equilíbrio do nosso organismo. Por exemplo, quando você sofre um corte no braço as células nas duas bordas do corte, que estavam paradas, começam a se dividir o corte começa a cicatrizar. Quando o corte se fecha, elas devem parar novamente de se dividir. O que está controlando esse processo de proliferação/não proliferação são vários genes, dentre eles o *BRCA1*.

O crescimento descontrolado de células que caracteriza o câncer causado por uma desestabilização do cabo de guerra entre os genes que promovem a divisão celular e os genes que a reprimem. O gene em questão, *BRCA1*, é um repressor de divisão celular – e quando uma mutação o faz perder sua força, as células da mama podem se multiplicar desorganizadamente formando um tumor.

 Mas se o câncer é uma doença genética, ele sempre é passado de pais para filhos? Atenção, não confunda doença “genética” com doença “hereditária”! Todo câncer é uma doença genética porque é causado por mutações em genes. Agora, se essas mutações foram herdadas ou se foram adquiridas, é outra história. Noventa por cento dos cânceres são resultantes de mutações adquiridas, que ocorreram ao longo da vida da pessoa. Por exemplo, se ela fuma, as substâncias tóxicas do cigarro lesam o DNA das células dos pulmões, e se um daqueles genes do cabo de guerra for atingido, o fumante desenvolverá um câncer – mas não passará essa mutação para seus filhos, porque ela só está presente nas células do tumor no pulmão.

Já nos outros 10% dos casos de câncer, o gene mutado é herdado do pai ou da mãe, e a pessoa já nasce com uma grande chance de desenvolver a doença - o câncer resultante seria, além de genético, hereditário. Este é o caso da atriz, que herdou a mutação no *BRCA1* de sua mãe, e poderá passar essa mutação para seus filhos (biológicos, é claro – os adotados estão fora deste perigo). Ao descobrir isso, ela preferiu retirar o tecido com risco de desenvolver tumores, as mamas, do que viver com medo de um dia passar pelo que sua mãe passou.

E o que faz esta mesma mulher, que vive de sua imagem (ok, ela também atua direitinho), anunciar para o mundo sua mutilação? Certamente uma boa dose de altruísmo. Com a divulgação de seu caso, câncer de mama recebeu uma cobertura enorme pela mídia, e assim muitas mulheres que podem ter um risco aumentado desta doença saberão que devem tomar medidas preventivas. Devem todas sequenciar seu gene *BRCA1*? Retirar as mamas preventivamente? Não necessariamente. A primeira medida é ver a data de sua última mamografia e procurar seu ginecologista.

Mais lindo do que o marido de Angelina foi o gesto generoso da atriz de divulgar sua decisão: além de chamar a atenção para o risco de câncer de mama, ela ajuda a quebrar o tabu da retirada das mamas, e mostrar que elas podem ser reconstruídas - ninguém precisa viver mutilada. Quero ver alguém dizer que esta mulher não tem peito!